

**A ORIGEM CUNHENSE DE PATRICIA REHDER GALVÃO**  
**UMA BREVE HISTÓRIA DE UM RAMO ANCESTRAL**

*Décio Ferraz da Silva Júnior*

**Resumo:** *A genealogia de Patricia Rehder Galvão pelo ramo cunhense dos Galvão de França. A breve história do Padre Antônio Galvão Freire, suas mulheres e filhos.*

**Abstract:** *The genealogy of Patricia Rehder Galvão through the Cunha's branch of the Galvão França. The brief history of Father Antônio Galvão Freire, his wives and children.*

Muitas foram aquelas a desempenhar importante papel na conquista dos direitos das mulheres nas primeiras décadas da República Brasileira. Mulheres como Elvira Boni de Lacerda, a sufragista Bertha Lutz, Terezinha Zerbini etc. estavam entre aquelas que, rompendo os padrões da época, contribuíram para a inserção do feminino no mercado de trabalho, na política e nas ciências, em que pese a letargia com que a sociedade brasileira assimila as mudanças progressistas. Mas entre elas uma mereceu destaque em vários trabalhos acadêmicos, ensaios, críticas, reportagens e filme: Patricia Rehder Galvão. A garota de olhos verdes e olhar triste, personagem marcante na história de São Paulo nas décadas que anunciavam o século XX.

Nenhuma mulher foi capaz de transgredir os limites do seu tempo como ela ousara fazer. A garotinha interiorana, nascida na pacata cidade de São João da Boa Vista<sup>1</sup>, havia se mudado muito jovem para a efervescente e ao mesmo tempo provinciana cidade de São Paulo. Berço do movimento anarquista urbano já decadente, protagonizado pelos imigrantes europeus durante a assim chamada Primeira República, a metrópole abrigava a partir de então uma garota normalista da Escola Caetano de Campos, que apesar da ingenuidade da vida escolar, dividindo seu tempo com as aulas do Conservatório Dramático e Musical, não deixava de compadecer-se com a injustiça social a sua volta, o que a fez colaborar com o Brás Jornal, assinando textos com o pseudônimo de Patsy, escondendo sua jovial precocidade, mas não sua condição de mulher.

<sup>1</sup> Nascida em São João da Boa Vista, SP, em 09-JUN-1910, filha de Thiers Galvão de França e sua mulher Adélia Rehder, falecida em Santos, SP, em 12-DEZ-1962.

Anos mais tarde, já vivendo com o escritor Oswald de Andrade, com quem se casaria depois, descontente com os integrantes do movimento da Semana de Arte de 22, para quem não passavam de esnobes, passa a integrar o Partido Comunista Brasileiro, participando de movimentos e contribuindo para jornais marxistas. Retornando ao Brasil, após viagem jornalística pela Europa e Ásia, escrevendo para vários jornais, foi presa e torturada mais de uma vez pela repressão do regime ditatorial do governo Getúlio Vargas, acusada de pertencer à frente de esquerda que reunia comunistas, socialistas e outras correntes. Decepcionada com os rumos do movimento comunista não só no Brasil como também na Europa abandona o partido e passa a trabalhar no Jornal Tribuna de Santos, em companhia do segundo marido, Geraldo Ferraz<sup>2</sup>.

Filha do advogado, jornalista e membro do Partido Constitucionalista **THIERS GALVÃO DE FRANÇA**, nome que certamente homenageava o Presidente da França no início da década de 1870, Marie Joseph Louis Adolphe Thiers, primeiro da Terceira República Francesa, batizado com cinco meses e seis dias de vida na Matriz de São João da Boa Vista, SP, na data de 31-AGO-1874<sup>3</sup>, e falecido na Cidade de São Paulo, SP, em 22-JAN-1947, **PATRICIA GALVÃO** foi neta do cunhense Joaquim Galvão Freire de França (residente no Embaú e mais tarde Agente dos Correios em Guaratinguetá, SP, com sua segunda<sup>4</sup> esposa Guilhermina Virgínia do Espírito Santo.

Sua avó pelo lado paterno, Guilhermina Virgínia, também nascida e batizada em Guaratinguetá, SP, contraiu matrimônio em São João da Boa Vista, SP, por volta de 1871, mediante processo de dispensa matrimonial, pois sendo sobrinha do marido estava ligada a ele por consanguinidade em 2º grau misto ao 1º de afinidade<sup>5</sup>, na medida em que era filha de Tomas de Aquino Júnior (nat. de

<sup>2</sup> Texto baseado no trabalho do CPDOC/FGV - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil in [www.https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/patriciagalvao](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/patriciagalvao).

<sup>3</sup> Livro de Batismo da Matriz de São João Batista, SP, de 1874/1878. Foram padrinhos os tios Emilio Galvão de Miranda Freire e Maria Joaquina Gomes de Miranda. Arquivo da Cúria Diocesana de São João da Boa Vista - ACDSJBV.

<sup>4</sup> Joaquim Galvão Freire de França foi casado em primeiras núpcias, na residência de Antônio da Silva Miranda, Vila de Guaratinguetá, SP, na data de 26-AGO-1857, com sua parente em 3º grau de consanguinidade em linha transversal Malvina Galvão de Miranda (nat. e falecida na Vila de Guaratinguetá, SP, em 28-OUT-1869), filha de Antônio da Silva Miranda (nat. de São João Del Rei, MG, Bispado de Mariana) e sua mulher Teodora Galvão de Lima (França ou Freire) – nat. de Guaratinguetá, SP, casados na Vila de Guaratinguetá, SP, em 12-JUL-1825; n.p do Cap. Antônio da Silva Miranda e s/m. Dona Luiza da Costa Salvada; n.m do Cap. Inácio Correa Galvão Freire França e de sua companheira Francisca Machado de Lima.

<sup>5</sup> A expressão conforme dispensa matrimonial.

Cuiabá, MT) e s/m. Mariana Galvão Freire (nat. de Guaratinguetá, SP), ambos casados na Vila de Guaratinguetá, SP, em 10-JUN-1851, e neta dos casais: Tomas José de Aquino e s/m. Joana Machado (nats. de Lorena, SP)<sup>6</sup>; e de Antônio da Silva Miranda (nat. de São João Del Rei, MG, Bispado de Mariana) e s/m. Teodora Galvão de Lima (França ou Freire), casados na Vila de Guaratinguetá, SP, em 12-JUL-1825<sup>7</sup>.

Vivendo a infância e juventude em sua terra natal, **THIERS GALVÃO DE FRANÇA** contraiu matrimônio em 26-ABR-1902 com a jovem São-Joanense **ADÉLIA REHDER**, nascida no ano de 1884, filha de Germano Rehder Sobrinho (nat. de Araraquara, SP) e sua mulher Ordália Ordalina de Aguiar; neta pelo lado paterno de Nicolau Rehder Filho e sua mulher Augusta Amália Seiffert (nats. da Alemanha); e pelo lado materno de João Crisóstomo de Almeida Taques e sua mulher Maria Isabel de Aguiar<sup>8</sup>.

<sup>6</sup> Casal de negros libertos, agricultores, moradores no fogo 23, da 3ª Companhia, Bairro do Rio Morto, Ordenanças de Lorena de 1802 – DAESP.

<sup>7</sup> Livro de Casamento de Guaratinguetá de 1816/1831 - fl. 52v/53. Arquivo da Cúria Arquidiocesana de Aparecida – ACDA.

O noivo filho do Cap. Antônio da Silva Miranda e s/m. Dona Luiza da Costa Salvada, a noiva filha do Cap. Inácio Correa Galvão Freire França e de sua companheira Francisca Machado de Lima.

No assento de casamento de Teodora Galvão de Lima consta ser ela filha de pai incógnito, mas para Carlos Eugênio Marcondes de Moura a noiva seria filha do relacionamento entre o Cap. Inácio Correa Galvão Freire França com Francisca Barbosa de Lima (MOURA, Carlos Eugênio Marcondes. Os Galvão de França no Povoamento de Santo Antônio de Guaratinguetá (1733/1972), 2ª Edição – 1973, 2ª. Parte – pág. 358/362).

O capitão Antônio da Silva Miranda foi vereador da Câmara Municipal de Guaratinguetá, transferindo-se para a Vila de Areais, onde consta registrado na Lista de Ordenanças como pardo, livre, negociante. Na Lista de Ordenanças da Vila das Areais do ano de 1836, 1º Quarteirão, Antônio da Silva Miranda é registrado como preto e as filhas Ana, Mariana e Lucia também, o que sugere um casamento multirracial. Mas na Lista do ano de 1832 Teodora Galvão de Lima também é listada como preta.

<sup>8</sup> Nicolau Rehder Filho estabeleceu-se em São João da Boa Vista após a conclusão do ramal da ferrovia da Companhia Mogiana de Casa Branca até Poços de Caldas. Construiu diversos prédios importantes na cidade como o antigo Fórum e a cadeia em 1887, a Igreja Matriz em 1890 e sua residência no mesmo ano. Mais tarde, dedicou-se a empreendimentos de colonização em Ibitinga.

Foi filho de Klaus Rehder, que também usava o nome Nicolau, e sua mulher Magdalena Armbrust Rehder (nats. de Winseldorf), luteranos originários do Grão Ducado de Holstein. O casal e os filhos, juntamente com outras 36 famílias, vieram para o Brasil em 1852 partindo do Porto de Hamburgo em 09/03/1852 no veleiro Emilie, com chegada em Santos em 10/05/1852, de onde seguiram para trabalhar na Fazenda São Jerônimo de propriedade do Senador Francisco Antônio de Souza Queiroz (Acervo Instituto Martius-Staden – fichas 5510/5515, pasta GIVh55 - 1181). “Mas Klaus Rehder,

Por conta da ascendência de seu pai, **PATRÍCIA GALVÃO** se ligava genealogicamente às antigas famílias do Vale do Paraíba, mais precisamente aquelas pertencentes às vilas de Guaratinguetá, SP, e Pindamonhangaba, SP, locais de nascimento e fixação de inúmeros membros das famílias **GALVÃO DE FRANÇA, CORREIA LEITE**, etc.

Por ser neta de Joaquim Galvão Freire de França, **PATRÍCIA GALVÃO** descendia também do Alf. Francisco Nabo Freire, Juiz Ordinário da Vila de Guaratinguetá, SP, onde foi batizado em 13-JUL-1750, e de sua mulher Francisca Xavier de França, natural e falecida em Guaratinguetá, SP, na data de 15-FEV-1805<sup>9</sup>, ambos casados na Capela de N.ª Aparecida em 06-JUL-1769 e moradores do bairro do Rio Acima; ele filho do português Francisco Nabo Freire – nat. da Cidade de Lagos, Algarve, Portugal – e sua segunda mulher Maria Pires Bueno, nat. de Pindamonhangaba, SP; ela filha do Capitão Antônio Galvão de França - natural da Cidade de Faro, Algarve, Portugal – e sua mulher D. Isabel Leite de Barros, nat. de Pindamonhangaba, SP.

Ou seja, **PATRÍCIA GALVÃO** mantinha parentesco com **ANTÔNIO DE SANT'ANA GALVÃO**, nascido em Guaratinguetá, SP, por volta de 1739, beatificado em 25 de outubro de 1998 e canonizado em 11 de maio de 2017 pelo Papa Bento XVI, recebendo o nome de **SÃO FREI GALVÃO** (Revista ASBRAP nº 25, pág. 129), pois sua bisavó Francisca Xavier de Freire era sobrinha neta do mencionado santo guaratinguetaense e o seu tetravô, o Capitão Inácio Galvão Freire França, era sobrinho do renomado religioso.

Mas a sua ascendência vale-paraibana não se resumia aos troncos das antigas famílias de Guaratinguetá, SP, e Pindamonhangaba, SP, pois seu avô Joaquim Galvão Freire de França era nascido na então Vila de Cunha, SP, bem como seus bisavós Manuel Gomes de Siqueira<sup>10</sup> e sua mulher Francisca Xavier Freire ou França, casados na Vila de Cunha, SP, em 14-FEV-1820<sup>11</sup>. Aliás, é de

tendo vendido a sua propriedade em Winseldorf, adquiriu um sítio em Rocinha, nas proximidades de Campinas (SP). Após 23 ano regressou com o filho primogênito (F1) para a Alemanha” (Famílias Brasileiras de Origem Germânica – Vol. VI, pág. 223).

Pelo lado feminino de Fritz Seiffert e sua mulher Laura Seiffert; dos avós brasileiros, pelo lado masculino, bisneta de Joaquim Taques Alvim e sua mulher Angélica de Almeida, mas essa ascendência não foi possível comprovar antes da publicação deste trabalho.

<sup>9</sup> Certidão juntada às fls. 34 dos autos de Prestação de Contas de Testamento, ano de 1809 – n. 11985, cód. C05497, APESP/BR - DAESP.

<sup>10</sup> Inventariado com o nome de Manuel Gomes de Oliveira – cx. 23/1839 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

<sup>11</sup> Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 – fl. 79. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL. Os noivos com impedimento de 3º grau misto ao 4º de consanguinidade. A noiva se casou com o nome de Francisca Xavier, filha de pais incógnitos exposta que foi a Graça Correia Leite.

sua bisavó Francisca Xavier Freire, filha do Padre Antônio Galvão Freire, filho dele do Alferes Francisco Nabo Freire com sua mulher Francisca Xavier de França, sobrinho, portanto, do também Padre Antônio de Sant'Anna Galvão (Frei Galvão), que seus laços com a Cidade de Cunha, SP, foram estabelecidos. Pelo que descreve a literatura, o Pº Antônio Galvão Freire havia sido ordenado presbítero do Hábito de São Pedro em 1796, exercendo a função de vigário primeiramente na Vila de Pindamonhangaba, SP, para depois ser transferido por determinação de D. João VI para a Vila de Cunha, SP, onde permaneceu por longos anos.

Porém, “antes de se ordenar teve Antônio Galvão Freire na cidade de São Paulo uma ligação com Valeriana Maria Veloso, fª do Capitão José Antônio da Silva Coelho, n. Portugal, casado 1759 S. Paulo com Maria da Conceição Veloso, falecida em S. Paulo em 1778 aos 39”<sup>12</sup>, com a qual nasceram dois filhos, residentes e casados na Vila de Cunha, SP: Ana Xavier de França e Antônio Xavier Freire. Antônio fora sacristão na Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Cunha por longos anos, atuando junto ao pároco da matriz, seu próprio pai. Mais tarde, por volta de 1835, listado nas Ordenanças da Vila no 7º Quarteirão da 2ª Companhia, fogo 31, já se encontrava atuando como negociante de ‘fazenda seca’ e solteiro. Veio a se casar na Vila de Cunha, SP, em 11-JUL-1839 com sua parente em 4º grau de consanguinidade Maria José das Dores<sup>13</sup>, filha de Joaquim Gomes de Siqueira<sup>14</sup> e s/m. Maria Zelinda de Toledo; n.p de pais incógnitos; n.m de Antônio Monteiro Ferraz e s/m. Maria Isabel de Toledo. Nesse registro de casamento, Antônio Xavier Freire consta nascido em São Paulo, SP, exposto ao Sargento Francisco Lopes de Camargo, pai do Capitão de Ordenanças da Vila de Cunha, SP, nos idos de 1803, Antônio José Lopes de Camargo<sup>15</sup>.

Antônio Xavier Freire foi figura de proa, membro do Partido Conservador, Juiz Municipal, Presidente da Câmara Municipal de Cunha<sup>16</sup>, SP, onde faleceu na

<sup>12</sup> MOURA, Carlos Eugênio Marcondes. Os Galvão de França no Povoamento de Santo Antônio de Guaratinguetá (1733-1972), 2ª Edição – 1973, 2a. Parte – pág. 298.

<sup>13</sup> Inventariada com o nome de Maria das Dores de Siqueira – cx. 68/1895 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

<sup>14</sup> Joaquim Gomes de Siqueira foi assassinado brutalmente pelo escravo Antônio, pertencente ao Alf. Nuno da Silva Reis, meu trisavô pelo lado paterno, condenado à morte por enforcamento em 1844 – Gazeta dos Tribunais de 22 de agosto de 1845, n. 252, pág. 04.

<sup>15</sup> Acredito que a preferência de Antônio José Lopes de Camargo pela Vila de Cunha, ao abandonar a Vila de São Paulo partindo em fuga após desertar da milícia local, se deve à proximidade criada pela família Lopes de Camargo com o então habilitante Antônio Galvão Freire, pois como se nota seu segundo filho foi exposto na casa de Francisco Lopes de Camargo, que certamente acobertou a aventura amorosa do pretendente ao sacerdócio.

<sup>16</sup> Carlos Eugênio Marcondes de Moura tomou o pai pelo filho homônimo ao afirmar que Antônio Xavier Freire foi Comendador da Ordem da Rosa e Deputado Provincial em 1872/1873 – 19ª Legislatura – 2º Distrito – 275 votos, quando na verdade o fora o

data de 11-JAN-1856<sup>17</sup>, merecendo linda nota de falecimento, recitada no túmulo por seu amigo tabelião José Pedro de Gouveia Veiga, publicada posteriormente no *Jornal do Commercio*<sup>18</sup>:

*“Eu não venho, senhores, perante vós, na casa de Deos, antigos pergaminhos desenrolar, para demonstrar a origem nobre, e feitos pomposos que o mundo desgraçadamente aprecia, sem se lembrar que muitas vezes esses títulos são adquiridos pela força e barbaridade dos poderosos da terra, mas que nos olhos de Deos e da sã philosophia são quimeras e vagas sombras que desapparecem na escuridade dos seculos. Eu, senhores, venho derramar uma lagrima de saudade e de gratidão sobre os restos mortaes de nosso amigo e irmão commum, o Sr. Antônio Xavier Freire. Elle, senhores, teve seu nascimento na cidade de S. Paulo, e ainda na sua juventude veio habitar nesta villa, onde desde logo começou a gozar da estima e sympathia publica, e viveu 60 annos, até que foi victima de um abcesso no fígado que o levou á sepultura no dia 11 deste corrente mez.*

*Como homem christão, senhores, foi nimamente religioso, praticou sempre actos de virtude e caridade, como vós, senhores, mais do que eu presenciastes por mais de 40 annos. Como homem civil, mereceu os sufragios das votações populares, e de governo, cujos encargos fun[...] com honradez e intellingencia. Como amigo, foi [...] hospitaleiro e obsequioso, e sabia respeitar todas as [...]dades, que por ventura as occasiões permitião que com ele estivessem em contacto. E como esposo e pai, senhores, ele foi amante consorte e carinhoso pai; não poucas vezes eu o vi, senhores, derramar lagrimas sentimentaes pelos sofrimentos morbidos pela sua fiel e adorada esposa; e em seus braços apertar ternos e innocentes filhos; os quaes hoje, na orphandade, só tem os desvelados cuidados da triste e desolada mãe. O seu passamento, senhores, e uma triste realidade; mas quem foi tão temente a Deos, quem foi cidadão tão prestante, amigo sincero, affavel e amante esposo, e carinhoso pai, não póde deixar de*

---

Ten. Antônio Xavier Freire, também redator e proprietário do *Jornal “O Cunhense”*, Promotor Público e Oficial do Registro Civil de Guaratinguetá, SP, onde veio a falecer em 1913 - Os Galvão de França no Povoamento de Santo Antônio de Guaratinguetá (1733/1972), 2ª Edição – 1973, 2a. Parte – pág. 304.

<sup>17</sup> Antônio Xavier Freire lavrou testamento na Vila de Cunha, SP, em 11-JAN-1856 dispondo ser natural de São Paulo, filho natural do Rev. Padre Antônio Galvão Freire (falecido) e Valeriana Maria Veloso, esta solteira e aquele no estado de Secular, casado com Maria José das Dores, com quem teve vários filhos, ainda vivos dois: Antônio e João, e também um filho tido em estado de solteiro, antes de 02/09/1837, hoje com 24 anos +/-, de nome Antônio Galvão Freire França, exposto e criado na casa da finada Isabel Cardoso Leite, hoje casado com Feliciano Maria da Anunciação, filha do Major Antônio da Silva Guimarães e s/m. Feliciano Perpetua Felicidade (Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso” - cx 35/1856).

<sup>18</sup> *Jornal do Commercio*, sábado 02 de fevereiro de 1856, n. 33, pág. 2.

*gozar na celestial morada o premio de tantas virtudes, enquanto que sua memoria e saudosa ausencia gravadas ficão em nossos corações; sua alma virtuosa descanse em paz na habitação dos justos. Oremos por sua alma. A terra lhe seja leve.”*

Por sua vez, Ana Xavier de França, nascida em São Paulo, SP, por volta de 1794, contraiu matrimônio na Vila de Cunha, SP, em 15-MAIO-1809<sup>19</sup> com seu parente em 4º grau misto ao 3º de consanguinidade José de Godoy Moreira<sup>20</sup>, filho de Antônio Pedro de Alcântara (nat. de São Paulo, SP) e s/m. Isabel Cardoso Leite (nat. de Pindamonhangaba, SP) – S.L 5, pág. 195; n.m do Tenente Manuel da Costa Paes (nat. de Pindamonhangaba, SP) e s/m. Isabel Cardoso Leite – S.L, 5, pág. 186.

Mas o Padre Antônio Galvão Freire, enquanto mantinha residência na Vila de Cunha, SP, antes de se mudar para a Freguesia do Embaú, SP, vivendo próximo aos filhos do primeiro relacionamento, teve com Maria Gertrudes Bueno (nat. de Santos, SP)<sup>21</sup> outros filhos, entre eles uma menina de nome Francisca, supostamente nascida em Itu, SP, exposta a Graça Correia Leite<sup>22</sup>. A menina Francisca passou a infância na Vila de Cunha, SP, vivendo com a tia-avó Ana Jacinta Galvão de França<sup>23</sup>, mulher do Capitão-mor José Gomes de Siqueira e

<sup>19</sup> Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 30v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL. Neste assento a noiva consta como nascida na Vila de Itu, SP, exposta a Dona Ana Dias Leite. Ao se casar, Ana Xavier de França vivia na companhia do pai, levando consigo a escrava Tereza como dote de casamento (vide Lista de Ordenanças da Vila de Cunha, SP, de 1809).

<sup>20</sup> Com onze anos de idade no inventário da mãe. Inventário de Antônio Pedro de Alcântara – CX 03/1795 – Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

<sup>21</sup> Maria Gertrudes Bueno, bat. na Matriz de Santos em 08-DEZ-1785, filha do Porta Bandeira Antônio Bueno de Araújo e sua mulher Dona Francisca Maria dos Anjos (nats. de Santos), neta paterna de Bernardo Bueno de Araujo e s/m. Dona Ana Francisca Leite (nat. de Santos), neta materna de Antônio Coelho (nat. da Ilha Terceira) e s/m. Gertrudes Maria de Sa (nat. de Santos) – Certidão às folhas 03 dos Autos de Justificação cx. 55/1840 – Processo Civil – Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

<sup>22</sup> Para Carlos Eugênio Marcondes de Moura a menina Francisca era filha de mãe desconhecida. Contudo, acredito que a criança seria a primeira filha de Maria Gertrudes, o que teria gerado processo crime para o Padre Antônio Galvão Freire. Infelizmente o processo encontra-se danificado, não sendo possível verificar o conteúdo e confirmar documentalmente a tese aqui ventilada (Proc. de Sevícias de <sup>1803</sup> - Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo – ACMSP).

<sup>23</sup> Ana Jacinta Galvão de França, casada com o Capitão-mor José Gomes de Siqueira e Mota, mantinha consigo vários agregados, alguns filhos do sobrinho padre: Maria

Mota, que lhe abrigou acobertando a vida dupla conduzida pelo sobrinho padre, Antônio Galvão Freire, casando-se a primeira vez em idade adolescente na Vila de Cunha, SP, em 14-FEV-1820, entre quinze e dezesseis anos, com seu primo em terceiro grau misto ao quatro de consanguinidade Manuel Gomes de Siqueira<sup>24</sup>, filho de João Gomes de Siqueira (nat. de Cunha, SP) e s/m. Francisca Maria de Oliveira (nat. de Taubaté, SP); n.p do Cap. João Gomes de Siqueira e s/m. Ana Maria do Monte<sup>25</sup>; n.m de Manuel Oliveira Neves e s/m. Joaquina Correia; para depois se transferir, juntamente com o marido, como agregada, para a casa do próprio pai<sup>26</sup>.

Porém, essa convivência familiar durou pouco. Por volta de 1825 o casal passa a viver de forma independente, pois na Lista de Ordenanças correspondente, 1ª Companhia, residente no Fogo 9, o Padre Antônio Galvão Freire (com 54 anos) encontrava-se vivendo apenas com seu filho Antônio Xavier Freire, que contava então com trinta anos de idade. A partir desse momento, Maria Gertrudes Bueno aparece nos registros das Ordenanças da Vila pela primeira vez, natural de São Paulo, SP, com 35 anos de idade, lavradora, vivendo na 3ª Companhia do Alf. Manuel Vicente dos Reis, Bairro do Pico Agudo, Fogo 65, com os agregados: Antônio Nabo (9 anos), Francisco Nabo (5 anos), Felicidade (18 anos) e Ana Eugênia (6 anos)<sup>27</sup>.

Com o passar do tempo, as aparências cederam lugar às evidências, pois na Lista de Ordenanças de 1835, 4º Quarteirão da 1ª Companhia do Inspetor Francisco José de Souza, residente no Fogo 1, já se encontrava o Padre Antônio

---

(19 anos); Manoela (12 anos); Joaquim (16 anos); Jesuína (5 anos); Francisca (10 anos). Francisca vinha a ser a filha do padre de nome Francisca Xavier de França, que se casou com Manuel Gomes de Siqueira.

<sup>24</sup> Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 79. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL. Anos mais tarde, já viúva, Francisca Xavier de França contraiu núpcias pela segunda vez na Vila de Cunha em 30-OUT-1841 com Manuel José de Carvalho, fº de Antônio José de Carvalho e s/m. Francisca Monteiro de Toledo (Liv. Cas. de 1838/1870 – fl. 13v).

<sup>25</sup> Por este casal, Patricia Galvão de França ligava-se, ainda, aos troncos de José Gomes de Gouveia (nat. da Freguesia de São Pedro, Cidade de Faro, Algarve) e s/m. Maria Nunes de Siqueira (nat. de São Paulo, Batizada em Sant'Anna, Fazenda dos Padres da Companhia de Jesus) - Revista ASBRAP n. 15, págs. 173/192.

<sup>26</sup> Na Lista de Ordenanças de 1821, 1ª Companhia do Sargento-mor Luiz Manuel de Andrade, residente no Fogo 7, encontrava-se vivendo o Padre Antônio Galvão Freire com os agregados: Manuel Gomes de Siqueira e s/m. Francisca Xavier Freire, e também com Antônio Xavier (24 anos) e Felicidade (11 anos).

<sup>27</sup> Ana Eugênia França se casou na Vila de Cunha em 12-JUL-1837 com seu primo em segundo grau de consanguinidade Manuel Galvão de Siqueira (Liv. 1803/1838 - fl. 172v), filho do Alf. Manoel Monteiro de Siqueira e s/m. Maria Leite França.

Galvão Freire (66 anos), vivendo na companhia dos “agregados”: Maria Gertrudes Bueno, “*natural desta*”, com 48 anos de idade; Antônio Nabo (8 anos); Francisco Nabo (13 anos); Ana Eugênia (15 anos); Francisco de Paula (25 anos); Francisco (13 anos). Seu filho Antônio Xavier aparece separado do pai, morando na vila, listado no 7º Quarteirão da 2ª Companhia, fogo 31, como negociante de ‘fazenda seca’ e solteiro.

Sentindo-se envelhecido, depois de angariar patrimônio suficiente, pede às autoridades eclesiásticas sua aposentadoria, com a qual se transfere com a família para a região da Freguesia do Embaú, atual cidade de Cruzeiro, SP, onde faleceu em 08-FEV-1850 aos oitenta e dois anos de idade. Seguindo o costume da época, lavra testamento na Capela de N.Sª da Conceição de Aparecida em 20-DEZ-1839, na presença das testemunhas: Manuel Isidoro do Triunfo; Manuel José Bitencourt; e José Galvão de França, reconhecendo a existência de dois filhos naturais: Antônio Xavier Freire e Ana Xavier França, “*que havia tido antes de achar-me instituído em ordens sacras, e de mulher solteira, estando desimpedida para comigo receber-se em matrimônio, e como tais sempre os reconheci, reconheço e os declaro instituídos herdeiros das duas terças partes de meus bens*”.

Não se restringindo aos filhos naturais tidos no estado de secular, conforme alega, com a paulistana Valeriana Maria Veloso, o testador declara ainda que “*depois de cumpridas as minhas disposições e legados acima mencionados, de todo remanescente que ficar da minha terça, instituo por herdeiros Ana Eugenia França, casada com Manuel Galvão de Siqueira, Francisco Bueno Freire e a Antonio Galvão de França os quais supposto q. são meus filhos, e por tais tão bem os reconheço e declaro; contudo sendo filhos sacrílegos, vulgo de danado e punível coito, como tidos depois de me achar instituído em ordens sacras; não podem por isso entrar em concorrência na sucessão e herança em que forão por mim instituídos os meus dois filhos naturais; pelo que somente os instituo e declaro herdeiros em igual parte do remanescente da minha terça.*”

Mas a companheira de toda vida não foi esquecida pelo testador, mesmo não sendo assim designada por motivos óbvios. O Padre Antônio Galvão Freire fez questão de deixar claro no testamento quais bens já pertenciam a ela, evitando assim questionamentos, mas também aquilo que poderia ser legado, sem que houvesse prejuízo aos demais herdeiros. Declarou que “*dos bens que existem como em comum em minha casa, são privativamente a D. Maria Gertrudes Buena, minha segunda testamenteira acima nomeada, que existe e mora em minha casa, e companhia, não so todas as alfaias, especies do seu uso; com tão bem o esc<sup>vo</sup> Francisco; q. lhe foi por mim doado por huma Escripura Publica juntamente com outro escravo de nome Domingos, q. depois foi por ella trocado pelo escravo João Muleque, q. ainda agora possui; cujos Escravos constantes dessa Escripura lhe forão por mim doados pelo preço de dusentos e trinta e seis mil e duzentos reis, e portanto me houverem custado na Corte no Rio de Janeiro: e assim mais são do privativo dominio e posse della os escravos de nomes Margarida, Lucio e Jacinta, por serem estes filhos da escrava crioula de nome Clara, q.*

*ella havia comprado ao Coronel Antonio Jose de Macedo, e q. faleceu depois deixando-lhe as ditas crias e produçoens: e ultimamente o muleque de nome Antonio de Nação Congo, que foi por ella comprado a Manuel Monteiro.”*

E foi além. Bens pessoais pertencentes a ele cujo valor a companheira pudesse aproveitar foram também listados, pois deixou “*ião bem da mesma forma em legado a d<sup>a</sup> minha segunda testamenteira D. Maria Gertrudes Buena, meu copo de prata, que tem correntes de mesmo metal, meia dúzia de talheres de prata, e a minha caixa de ouro p. tabaco que igualmente sahirão da m<sup>a</sup> Terça*”.

Como se nota, tudo demonstra que o núcleo familiar composto pelo padre e sua companheira existia de longa data. Basta verificar que aqueles herdeiros instituídos em testamento são os mesmos listados nas Ordenanças da Vila de Cunha, SP, de 1835, residentes na casa do sacerdote na qualidade de “agregados”, também em companhia da mãe Maria Gertrudes Bueno, jovens de nomes: Antônio Nabo (8 anos); Francisco Nabo (13 anos); Ana Eugênia (15 anos)<sup>28</sup>, patronímico este do avô paterno Francisco Nabo Freire, abandonado pela família ao longo do tempo. Logo, o presbítero já vivia em família mesmo residindo na localidade onde exercia o sacerdócio em plena Matriz de Nossa Senhora da Conceição, o que certamente era de conhecimento geral e socialmente tolerado, mas é bom dizer que não foi este presbítero o primeiro a se comportar dessa maneira no seio da comunidade cunhense, pois antes e depois dele outros sacerdotes se aventuraram nos leitos de outras donzelas e viúvas abandonadas à própria sorte.

---

<sup>28</sup> Antônio Nabo, mais tarde Antônio Galvão França, conforme testamento, se casou pela primeira vez na Freguesia do Embaú em 15-MAIO-1852 (Liv. 1, fl. 07v.) com sua sobrinha Guilhermina Galvão Freire, filha da irmã Ana Eugênia França e seu marido Manuel Galvão de Siqueira, usando o nome Antônio Galvão Freire. Francisco Nabo, mais tarde Francisco Bueno Freire, se casou na Freguesia do Embaú, SP, em 16-JAN-1851 com Delfina Maria de Siqueira, viúva de Antônio José da Silveira.

## **FONTES DE PESQUISA**

### **Arquivos Eclesiásticos:**

Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo – ACMSP

Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL

Arquivo da Cúria Arquidiocesana de Aparecida – ACDA

Arquivo da Cúria Diocesana de São João da Boa Vista - ACDSJBV.

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

### **Arquivos Públicos e Privados:**

Arquivo Público do Estado de São Paulo – DAESP

Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun.  
“Francisco Veloso”

Arquivo do Museu Major Novaes.

Arquivo do Museu Frei Galvão - Arquivo Memória de Guaratinguetá -  
MFG/AMG

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil  
-CPDOC/FGV

Acervo Instituto Martius-Staden

### **Sítios na internet:**

<http://www.asbrap.org.br>

<http://arquivoestado.sp.gov.br>

<http://familysearch.org>

[www.https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/  
patriciagalvao](http://www.https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/patriciagalvao)

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COELHO, H. V. Castro. *Povoadores de S. Paulo: Antão Nunes (Adendas às primeiras gerações)*. In: Revista da ASBRAP nº 15.

COELHO, H. V. Castro. *Origem da Família Galvão de França*. In: Revista da ASBRAP nº 25.

HERKENHOFF, Elly e HERKENHOFF, Rosa. *Famílias Brasileiras de Origem Germânica*. Instituto Hans Staden, São Paulo, SP – Vol. VI. Gazeta dos Tribunais, de 22 de agosto de 1845, nº 252, pág. 04.

Jornal do Commercio, sábado 02 de fevereiro de 1856, nº 33, pág. 2.

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, vol. 5, pág. 195.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes. *Os Galvão de França no Povoamento de Santo Antônio de Guaratinguetá (1733/1972)*, 2ª Edição – 1973.

VELOSO, João José de Oliveira. *A História de Cunha – Freguesia do Facão – A Rota da Exploração das Minas e Abastecimento de Tropas*. São Paulo, 2010.